

PAPERWORKS II, além do desenho

29 de Janeiro – 08 de Março de 2015

Exposição colectiva com obras de Alexandre Conefrey, Antje Weber, Ernesto de Sousa, Juliane Solmsdorf e Pedro Calapez.

Comissariado por Alda Galsterer.

“É cada um que vai atrás da sua ideia ou a sua
ideia que vai atrás de cada um.”
(José de Almada Negreiros)

A Galeria Belo-Galsterer tem muito gosto em apresentar a exposição colectiva *PAPERWORKS II, além do desenho* – repetindo a iniciativa do ano anterior, com uma nova constelação de artistas, na qual se cruzam gestos diferentes e gerações diversas.

A vontade de confrontar modos de ver, formas de fazer e momentos de criação tão diferentes, é que deu origem a esta mostra, na qual existe, pensamos nós, um denominador comum – a ideia do desenho – no espaço, no papel, ou como concretização do pensamento.

A escolha de obras de Ernesto de Sousa para esta exposição pode ser vista como uma espécie de *Leitmotiv*, uma vez que na obra de Ernesto de Sousa sobressai a “pluralidade de funções e meios”¹ dos seus trabalhos.

De facto, esta exposição começa com dois trabalhos de Sousa (1921-1988), criador português que além de artista plástico foi desenhador de cartazes, crítico, realizador, ensaísta, poeta, escritor, pensador ou mesmo “um activista visual em tempo real”.² Acreditava que a arte podia servir como meio para a educação social e política, muito no sentido (participatório do indivíduo e colectivo) de Beuys, que de Sousa conheceu na Alemanha.

Na obra *ESTE É O MEU CORPO N.3*, de 1977, encontramos recortes de jornal, mapas, textos escritos pelo próprio artista, que juntos e pela sua composição e a colocação em tiras contínuas reflectem o espírito revolucionário de Ernesto de Sousa e o do seu tempo. Entre o corpo individual e o do Colectivo: Onde começa o meu corpo, e onde termina o do outro?

¹ Cit. Paula Pinto: ERNESTO DE SOUSA: O TEU CORPO É O MEU CORPO (1965-1975), print on demand. Ed. 100. (Porto, 2014), p.1.

² Cit. Paula Pinto: ERNESTO DE SOUSA: O TEU CORPO É O MEU CORPO (1965-1975), print on demand. Ed. 100. (Porto, 2014), p.10.

Numa sala adjacente somos colocados perante três desenhos de grandes dimensões, feitos a pastel seco sobre papel. O artista Pedro Calapez inspirou-se em trabalhos da colecção da Casa Museu Anastácio Gonçalves, recuperando um dos temas mais conhecidos da poética lírica antiga, o “Narciso” (do corpo das *Metamorfoses*, 1-8 A.D.) de Ovídio. Enquanto a maioria das pinturas e retratos de Narciso de toda a história da arte se concentram na figura do jovem e belo filho do Deus dos Rios, Pedro Calapez assume um gesto mais abstracto, focando a sua abordagem na natureza e na paisagem: deixando de lado a figura humana, o artista concentra-se já no estado da metamorfose – Narciso já se transformou em flor, fica a paisagem. Na antiguidade como hoje no nosso mundo contemporâneo uma questão pertinente: Nada morre, tudo se transforma...?

As obras de Alexandre Conefrey criam um forte contraste com o preto-e-branco das obras de Calapez, e apresentam-se com uma força abstracta, dominando a cor monocroma sobre o papel. Conefrey usou vários meios e técnicas que tanto pertencem ao domínio da pintura bem como à do desenho (aguarela, guache, tempera, lápis, ...) e entrelaça ambas tão mestralmente, que provoca a sensação de que “o desenho existe sempre sob a pintura (ou dentro dela)”³.

Os trabalhos de Antje Weber (desta série que iniciou em 2013) seguem outro caminho. A artista usa o desenho com o apoio da colagem, usando materiais já usados e vividos.

Weber usa a colagem-*assemblage* em que a sobreposição de linhas, formas, materiais e objectos cria um mundo de memórias paralelo. Os objectos passam por um processo de metamorfose, em que aquilo que aparentemente não tem valor, ao ser rearranjado se apresenta com novo aspecto e significado...

Juliane Solmsdorf está representada com uma instalação composta por três círculos na parede, que além de funcionarem como um desenho directamente na parede, na aproximação se revelam objectos reais, numa combinação surpreendente de madeira e nylon. No seu trabalho, Solmsdorf combina materiais opostos, criando esculturas como gestos que geram uma tensão erótica através de emoções como violência ou delicadeza. “Não obstante, são mais do que gestos simples e abstractos – as suas esculturas têm o poder de se transformar em corpos reais, que nos falam sobre a existência humana.”⁴

Está presente em todos estes trabalhos a ideia do desenho – no espaço, no papel, ou como concretização do pensamento.

Alda Galsterer, Janeiro de 2015

Agradecimentos:

Agradecemos ao CEMES (Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa) a gentil cedência de obras para a exposição.

³ João Pinharanda: *Director's Cut*, do texto para a exposição individual de Conefrey na Giefarte, Lisboa, 2012.

⁴ Magdalena Magiera: “Juliane Solmsdorf”, in: *Cat. Based in Berlin*, KW Kunstwerke Berlin, 2011, p. 174.

PAPERWORKS II, beyond drawing
January 29 - March 08, 2015

Group exhibition with works by Alexandre Conefrey, Antje Weber, Ernesto de Sousa, Juliane Solmsdorf and Pedro Calapez.
Curated by Alda Galsterer.

“People follow their idea or is it
the idea that follows them?”¹
(José de Almada Negreiros)

Galeria Belo-Galsterer is very pleased to present the exhibition *PAPERWORKS II, beyond drawing* – repeating last year’s initiative, a group show with a new constellation of artists, crossing different gestures and generations. The curatorial proposal for this show is to confront complete different manners of seeing, ways of doing and diverse moments of creation; however, this exhibition, as we think, has a common denominator – the idea of drawing – in space, on paper, or as in its materialization of thought.

The choice of works by Ernesto de Sousa (1921-1988) for this show might be seen as a kind of *Leitmotiv*, since in his *oeuvre* the “plurality of functions and media”² of his works stands out.

In fact, this show presents two works by Sousa, Portuguese creator, who besides being a visual artist, also was a graphic designer, critique, film director, essayist, poet, writer, thinker or even considered “a visual activist in real time”.³

He believed that art could serve as a means for social and political education, a lot in the spirit of Beuys (as of individual and collective participation), who Sousa had met in Germany.

The work *ESTE É O MEU CORPO N.3*, from 1977 [THIS IS MY BODY, N. 3] we find newspaper cut outs, maps, texts written by the artist himself, that together and by composition and the layout in continuous stripes reflect the artist’s own revolutionary spirit, as well as that of his time. Between the individual body and that of the Collective: where begins my Body, and where does the Body of the other end?

In one of the other rooms, we find ourselves before three drawings of big dimensions, made in dry crayon on paper. The artist Pedro Calapez (1954) took inspiration in

¹ “É cada um que vai atrás da sua ideia ou a sua ideia que vai atrás de cada um.” (Original quote by the Portuguese artist Almada de Negreiros)

² Cit. Paula Pinto: ERNESTO DE SOUSA: O TEU CORPO É O MEU CORPO (1965-1975), print on demand. Ed. 100. (Porto, 2014), p.1.

³ Cit. Paula Pinto: ERNESTO DE SOUSA: O TEU CORPO É O MEU CORPO (1965-1975), print on demand. Ed. 100. (Porto, 2014), p.10.

works from the museum collection Casa Museu Anastácio Gonçalves, recovering one of the most well-known themes of antique lyric poetry: the “Narcissus” by Ovid (part of the *Metamorphoses*, 1-8 A.D.). Whilst most paintings and portraits of Narcissus in the history of art concentrate on the figure of the young and beautiful son of the God of the Rivers, Pedro Calapez realizes a more abstract gesture, concentrating on nature and landscape only: leaving the human body on the side, and concentrating already on the next stage of metamorphosis – Narcissus has already morphed into a flower, the landscape stays present. In antiquity as well as today, this question maintains its pertinence: Nothing dies, everything is transformed...?

Alexandre Conefrey’s works create a strong contrast with the black-and-white work by Calapez; also abstract, their monochrome colour dominates the paper. Conefrey used different media and techniques, all pertaining or to the domain of painting, or to the one of drawing (e.g. watercolour, gouache, tempera, colour pencils, ...), interlacing them all masterfully provoking a sensation that “the drawing exists always beneath the painting (or inside it).”⁴

Antje Weber’s work series (that began in 2013) follow another path. The artist uses drawing and photographs supported by collage, using used materials that already had a life.

Weber uses the collage-*assemblage* in which the overlapping of lines, forms, materials and objects creates a parallel memory world. The objects themselves have gone through a process of metamorphosis in which the apparently valueless objects in being rearranged gain a new aspect and meaning...

Juliane Solmsdorf is represented here by an installation composed by three circles on the wall, functioning as a direct drawing on the wall, but which reveal themselves to be real objects, a surprising combination of wood and nylon. In her work, Solmsdorf combines opposing materials, creating sculptures with gestures that generate an erotic tension through emotions as violence or gentleness. “However, they are more than simple, abstract gestures; they’re actual characters with a narration speaking about human existence.”⁵

In all the works of this exhibition the idea of drawing is present: in the gallery space, on paper as support, or simply as materialization of thought.

Alda Galsterer, January 2015

Thank you Note:

We thank CEMES (Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa | the Centre of Multidisciplinary Studies on Ernesto de Sousa) for their kind transference and consignment of works for this exhibition.

⁴ João Pinharanda: *Director’s Cut*, from the exhibition text for Conefrey’s solo show at gallery Giefarte, Lisboa, 2012.

⁵ Magdalena Magiera: “Juliane Solmsdorf”, in: *Cat. Based in Berlin*, KW Kunstwerke Berlin, 2011, p. 174.